

INSTITUTO
 Documentação
 SOCIOAMBIENTAL
 Fonte: Gm
 Data: 28/6/2000 Pg: 11 e 7
 Class.: 15

Capitalismo na floresta

Índios são parceiros de empresas

Simone Romero de Manaus

As comunidades indígenas da Amazônia estão conquistando espaço na economia regional. A participação ainda é pequena, mas nos municípios onde estão presentes os projetos extrapolam o limite das reservas e colaboram com o aumento da circulação de renda local.

Parcerias com grandes empresas e financiamentos internacionais são termos corriqueiros no cotidiano dessas "tribos de empresários". A partir do ano que vem começam a ser liberados os financiamentos do fundo criado pelo Banco Mundial, que

conta com US\$ 13 milhões em recursos.

As parcerias, principalmente com empresas estrangeiras, também não faltam. Os índios Yawanawa, da Terra Indígena Rio Gregório, no Estado do Acre, por exemplo, são fornecedores de urucum para a empresa norte-americana de cosméticos Aveda Corporation. A produção garante renda anual de US\$ 80 mil.

Com o dinheiro, os Yawanawa passaram a ter eletricidade (solar), hospital, laboratório de controle de doenças como febra amarela e malária, computadores e e-mail.

Os índios da região do Alto Rio Negro, no Amazonas, optaram pelo artesanato. Os trabalhos de cestaria com fibra de arumã — uma palmeira nativa da região — ganharam tratamento profissional, marca e controle de qualidade. Características que garantem aos produtos "Arte Baniwa" um contrato de fornecimento de cinco mil peças mensais para as lojas Tok&Stock. O próximo passo será a exportação. ■

(Pág. A-7)

NACIONAL

Índios da Amazônia aderem à economia global

Tribos fecham parcerias para a venda de urucum à norte-americana Aveda e fornecimento de artesanato para a rede Tok & Stock

Simone Romero
de Manaus

No lugar do paletó e da gravata, tintura de urucum. As comunidades indígenas da Amazônia estão conquistando espaço na economia regional. A participação ainda é pequena no contexto dos Estados, mas nos municípios onde estão presentes os projetos já extrapolam o limite das reservas e colaboram com o aumento da circulação de renda local. Esta economia indígena deve ganhar um fôlego adicional a partir do ano que vem, quando começarão a ser liberados os primeiros financiamentos do fundo criado pelo Banco Mundial para o Programa Demonstrativo para os Povos Indígenas (PDPI). O projeto faz parte do programa piloto para proteção das florestas tropicais do Brasil e conta com US\$ 13 milhões em recursos. Lidar com financiamentos internacionais não é novidade para estas "tribos de empresários". Na verdade, quase todos os projetos desenvolvidos atualmente foram iniciados graças a captações externas de recursos ou por meio de parcerias com empresas estrangeiras. Nesta segunda situação enquadram-se os índios Yawanawa, da Terra Indígena Rio Gregório, no Estado do Acre.

Uma parceria firmada há oito anos com a empresa norte-americana de cosméticos Aveda Corporation garantiu aos Yawanawa uma alternativa para o que parecia um irreversível processo de desagregação da etnia. Os primeiros contatos com a Aveda foram feitos durante o Fórum Global realizado paralelamente à Eco 92, no Rio de Janeiro, e trans-

formaram a comunidade indígena em fornecedora de urucum para a indústria cosmética.

Atualmente, a aldeia cultiva 30 hectares de urucuzeiros que produzem 30 toneladas anuais de sementes, enviadas para São Paulo, onde é extraída a bixina — o óleo essencial utilizado pela indústria. A produção de urucum garante à comunidade Yawanawa uma renda anual de US\$ 80 mil, dinheiro que vem sendo investido para melhorar as condições de vida da aldeia.

Painéis solares abastecem a aldeia com eletricidade e a comunidade mantém o único hospital rural da região, um laboratório de controle de malária e febre amarela e, ainda, um curso médio de formação de agentes de saúde. Na sede do município de Tarauacá — onde está localizada a terra indígena — os Yawanawa possuem um escritório onde têm acesso à internet e administram a home page da comunidade. Pelo e-mail, eles trocam notícias com os jovens da etnia que ganharam bolsas de estudo nos Estados Unidos.

Para os Yawanawa a entrada na economia foi surpreendente. "O urucum está ligado à espiritualidade do nosso povo. Ele é usado para pintar o corpo e afastar os maus espíritos. Foi muito bom descobrir que ele também poderia ser uma fonte importante de renda", explica o coordenador da Organização Yawanawa, Biraci Brasil. Agora, eles se preparam para dar um novo passo. Um convênio firmado com a Aveda, governo do Acre e prefeitura de Tarauacá está permitindo a instalação



de uma usina de extração de óleo de andiroba.

A usina entra em funcionamento em janeiro de 2001 e, para abastecê-la, a comunidade já iniciou o plantio de 40 hectares de árvores de andiroba. Até que elas entrem em produção, o que só deve acontecer dentro de 10 anos, a organização indígena vai comprar matéria-prima de populações ribeirinhas. "Estamos revertendo o processo. Agora, a gente é que oferece alternativa de renda para os não-índios no município", diz Brasil.

Em Roraima, a independência econômica está chegando pelas mãos da agropecuária. A criação de gado foi apresentada às comunidades indígenas ainda na década de 70, período em que a "pata do boi" era o grande símbolo do desenvolvimento na Amazônia. Um programa especial apoiado pela Fundação Nacional do Índio (Funai) ajudou na compra de reses para as comunidades. O objetivo era ocupar o território das reservas com rebanho para evitar a invasão dos limites então recém-demarcados.

Passadas mais de duas décadas, a atividade pecuária cresceu em 160 das 300 comunidades indígenas de Roraima. Juntas elas possuem atualmente um plantel de 30 mil cabeças, o que representa perto de 7% do rebanho total do estado, segundo o último Censo Agropecuário do IBGE. Algumas destas comunidades estão partindo para o plantio de grãos e produção de farinha de mandioca. No ano passado, as plantações em terras indígenas produziram quatro mil toneladas de milho.

As comunidades de Roraima planejam, ainda, vender parte do rebanho e adquirir gado leiteiro e reprodutores para melhorar a qualidade genética do plantel. A idéia, a médio prazo, é implantar abatedouros e pequenas fábricas de laticínios. A produção será comercializada por meio da Cooperativa de Produtores Indígenas de Roraima, em fase de legalização.

Artesanato e piscicultura compõem a pauta econômica dos índios da região do alto Rio Negro, no Estado do Amazonas. Os trabalhos de cestaria produzidos com fibra de arumã — uma palmeira nativa da região — ganharam tratamento profissional, com marca registrada e controle de qualidade. Características que garantiram aos produtos "Arte Baniwa" um contrato de fornecimento com as lojas Tok&Stock. A cada mês são enviadas para São Paulo cinco mil peças de um total de oito mil produzidas mensalmente pelas comunidades indígenas.

"As peças restantes são vendidas para outras lojas do País", explica Pedro Garcia, representante da Fe-

deração das Organizações Indígenas do Rio Negro. O próximo passo será a exportação dos produtos. Para isso, a federação já elaborou um catálogo em português e prepara versões em inglês e alemão para distribuição em feiras no Brasil e no exterior. Como nem todas as comunidades da região participam na produção de cestos, a federação implantou, no ano passado, o programa de piscicultura familiar.

O programa tem como suporte um laboratório de produção de alevinos construído com verbas de ONGs internacionais. O laboratório trabalha com espécies regionais como o aracu e a meta é manter uma produção de três mil alevinos por semestre. A primeira experiência de reprodução, no final do ano passado, gerou cinco mil alevinos. "Estamos captando recursos para a construção de dois laboratórios novos e nossa idéia é vender a produção", conta Garcia.

Projetos como estes não são os únicos. Há uma série de outros, nos mais diversos estágios de desenvolvimento. Na região do Rio Xingu, no Estado do Pará, nove etnias indígenas, entre elas os Caiapó, Xipaia e Arawete, administram um hotel de selva. A construção do Hotel Tataquara representou um investimento de R\$ 70 mil, financiados por fundações e ONGs internacionais. A 267 quilômetros de distância de Manaus, no município de Maués (AM), os índios Satere-Mawe produzem perto de 10 toneladas anuais de sementes de guaraná, que são vendidas para indústrias farmacêuticas e de bebidas.

Todos eles apontam para uma participação cada vez maior dos índios na economia da Amazônia brasileira e são encarados com reserva por alguns setores ativistas das causas indígenas. O coordenador de projetos do Conselho Indígena de Roraima, José Adalberto Silva, um índio da etnia Macuxi, vê a questão pelo aspecto da sobrevivência.

Para rebater os críticos, Silva costuma lançar a pergunta: O que é mais descaracterizante, a inserção dos índios na economia ou a fuga dos jovens para as periferias das cidades para satisfazerem as necessidades de consumo criadas pelo contato com os brancos? Por mais contraditório que possa parecer, diz o coordenador, as lições de capitalismo recém-aprendidas estão ajudando os índios a recuperar suas próprias tradições.

Nas aldeias onde já se atingiu algum grau de independência econômica é visível a recuperação da auto-estima e do orgulho de pertencer a uma nação indígena, afirma Silva. É verdade que para a grande maioria das etnias dentro e fora da Amazônia, suicídios, abandono, pobreza e extermínio ainda são uma realidade. "O que nossos projetos demonstram é que a solução para estes problemas é lutar com as armas dos brancos", conclui o índio Macuxi.